

DOSSIÊ: PERSPECTIVAS QUEER NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM
RESENHA

BAKER, Paul; BALIRANO, Giuseppe (ed.). *Queering Masculinities in Language and Culture*. Series: Studies in Language, Gender and Sexuality. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. 299p. ISBN: 978-1-349-95327-1 (eBook).

Resenhado por Glauco D S da Souza¹
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

Recebido em: novembro de 2020
Aceito em: dezembro de 2020
DOI: 10.26512/les.v21i2.35165

*Queering Masculinities in Language and Culture*², coletânea organizada pelos linguistas Paul Baker e Giuseppe Balirano, se trata de uma interessante obra composta por 12 artigos, escritos em língua inglesa³, que, a partir de investigações transdisciplinares, debruçam-se a explorar as representações de masculinidades *queer* em novas e antigas mídias. Como bem ilustra a escolha dos autores pelo uso do verbo “queering” enquanto título do livro, os artigos pertencentes a esta organização estão sempre a questionar a ideia hegemônica do que significa e representa “ser homem” e/ou performar masculinidades, de maneira a conferir ação desestabilizadora. Para além disso, as análises empreendidas na obra estão sempre a alertar sobre como a tentativa de posicionar determinados grupos em categorias binárias e fixas configura uma maneira impraticável de lidar com o gênero e a sexualidade, uma violência corporal (BUTLER, 2014).

A partir de aplicações analíticas que consideram o papel central da linguagem, os artigos reunidos na obra instigam os leitores a refletir sobre temas pertinentes, nomeadamente, a respeito sobre como a noção de “*queer*” está articulada na representação masculina; como os estudos de masculinidades podem recusar uma abordagem essencialista; de que maneira os discursos e saberes

¹ Mestrando em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

² Em tradução livre, “Queerizando masculinidades na Linguagem e na Cultura”.

³ Em busca de uma maior acessibilidade aos não falantes de língua inglesa, todos os títulos foram livremente traduzidos.

dominantes, mais especificamente o discurso neoliberal, tem se apropriado da subversão queer; por que determinadas performances “hiperbólicas” de gênero, como o *camp*, podem ser consideradas ora como reafirmação de estereótipos ora como identidades subversivas; quais as relações entre discurso homofóbico e masculinidades, bem como caminhos para descolonizar “masculinidades negras” na linguagem. Para além dessas questões, olhares analíticos-metodológicos tão variados que perpassam desde estudos críticos do discurso e crítica literária até estudos cinematográficos e antropológicos ofertam aos interessados no assunto um caminho para delinear suas próprias questões.

Podemos perspectivar a distribuição dos artigos ao longo da coletânea conforme as relações temáticas que partilham entre si. Dessa forma, os capítulos II⁴ e III⁵ centram-se no liame entre masculinidades *queer* e o discurso neoliberal; os capítulos IV⁶ e V⁷ examinam as representações *queer* de masculinidades em programas televisivos, com particular interesse nas relações íntimas entre homens; já os capítulos VI⁸ e VII⁹ debruçam-se sobre textos ficcionais do âmbito literário e suas relações com as masculinidades. É também a partir deste sétimo capítulo que teremos a primeira investigação sobre masculinidades a partir da perspectiva das identidades trans, tema extremamente relevante que se prosseguirá nos capítulos VIII¹⁰ e IX¹¹. O décimo capítulo¹² é o único a explorar sobre a representação de masculinidades negras e um dos poucos a apresentar o debate interseccional racial de maneira mais efetiva. A coleção finaliza com os dois últimos artigos¹³ focados na temática do discurso homofóbico relacionado a representação de masculinidades.

A importância em estudar masculinidades articulado a diversas ordens do discurso proporciona uma visão quase-caleidoscópica sobre a temática, contribuindo de igual forma para sua

⁴ “O Reto é uma Mina de Ouro? Teoria Queer, Masculinidades do Consumidor e Prazeres do Capital” autoria de Tommaso Milani.

⁵ “Masculinidade e Publicidade Gay-Friendly: Uma Análise Comparativa entre o Mercado Italiano e Norte-Americano” escrito por Eleonora Federici e Andrea Bernardelli.

⁶ “Venha e Receba Seu Amor: Starsky & Hutch, Desidentificação e Masculinidades norte-americanas na década de 1970” escrito por Vinzezo Bavaro

⁷ “A representação televisual do envelhecimento de homens gays: o caso da série ‘Vicious’” escrito por Laura Tommaso.

⁸ “O Par Queer: Masculinidade e Irmandade na Literatura e Imaginário de Caim e Abel” autoria de Paola Di Gennaro.

⁹ “Uma Voz Sem Esforço: Vocalidade Queer e Identidade Transgênero na obra ‘For Today I Am a Boy’ de Kim Fu” autoria de Serena Guaraccino.

¹⁰ “Pintando Mudanças Sociais em Telas Corporais: Corpos Trans e seus impactos sociais” escrito por Emilia Di Martino.

¹¹ “Transgenderismo Social Napolitano: O Discurso de Valentina OK” escrito por Annalisa Di Nuzzo.

¹² “Desfazendo a masculinidade negra: A gramática alternativa da representação visual de Isaac Julien” autoria de Emilio Amideo

¹³ Capítulo 11, “‘Se você se diz gay, está dentro’: O caso de necessitados de asilos no Reino Unido” autoria de Maria Cristina Nisco e Capítulo 12 “O Objeto da Subordinação é Imaterial: Construções Discursivas de Masculinidades” autoria de Andrew Brindle

desestabilização e contestação. A obra ao iniciar sobre relações entre masculinidades e o discurso neoliberal considera, a partir da aplicabilidade analítica, uma reflexão fulcral sobre como pautas progressistas têm sido apropriadas pelo capitalismo de forma a neutralizar resistências anticapitalistas (FRASER, 2013; BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). É de ressaltar o primoroso artigo “O Reto é uma Mina de Ouro? Teoria Queer, Masculinidades do Consumidor e Prazeres do Capital” de Tommaso Milani que inicia materializando a sua preocupação com a institucionalização da teoria *queer* e, portanto, adota perspectivas descoloniais, como as de Pelúcio (2014), em focalizar nas marginalizações corporais afim de manter o duplo movimento teoria queer em contestar e produzir conhecimento (SPARGO, 2017) . Assim, o autor investiga, a partir de uma abordagem crítica do discurso, as estratégias linguístico-discursivas utilizadas para legitimar a comercialização de massageadores anais voltados para homens heterossexuais. Milani evidencia a nocividade camaleônica do discurso neoliberal em se apropriar de desejos sexuais, à primeira vista antinormativos, para “reproduzir antigos estereótipos de masculinidade [...] reembalando-os de novas formas” (p. 38) de maneira a fetchizar práticas dissidentes, lucrar com isto e se reinventar. Spargo (2017, p. 46) não nos deixa esquecer que os estudos *queers* jamais “podem negligenciar a capacidade de os discursos e saberes dominantes se apropriarem da subversão e contê-la” e o trabalho de Milani evidencia isso.

Uma outra discussão que parece como elementar na obra, consiste na contestação de estudos essencialistas de masculinidades. Ao trazer para coleção três capítulos consecutivos sobre a representação de masculinidades em identidades trans, a coletânea salienta a necessidade de romper com binarismos e a ideia de que estudos sobre as masculinidades, em sua grande maioria, têm que se ater a participantes homens e os estudos sobre feminilidades aterem-se às mulheres. Como bem demarca Milani (2014), urge um mapeamento mais cuidadoso sobre como “mulheres... bem como indivíduos transgênero e intersexuais também performam masculinidades no seu dia a dia”. (MILANI, 2014, p. 274, tradução nossa).

Assim, o excelente capítulo oito, intitulado “Pintando Mudanças Sociais em Telas Corporais: Corpos Trans e seus impactos sociais” escrito por Emilia Di Martino, figura como um ótimo exemplar de análises desse teor. Di Martino explora com base nos postulados do Estilo Conversacional (TANNEN, 1990) e da Análise do Discurso Multimodal (KRESS, 2010; KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), a produção artística e a representação midiática de Laverne Cox, mulher trans artista que ficou mais conhecida por sua atuação na série *Orange is the New Black* (Netflix, 2013). A autora compreende que Cox combina uma performance fluída de feminilidade e masculinidade, sobretudo a partir de um posicionamento fortemente “masculino” fazendo do seu lugar e corpo desprestigiado de mulher trans negra um local político de contestação. A peça chave

deste tema, como bem nos mostra a autora, surge a partir da necessidade em preencher a lacuna de estudos e reflexões sobre “como a identidade transgênero pode afetar a masculinidade ou a feminilidade” (p. 166).

Apesar da ótima exploração da relação sobre a performance de masculinidades em identidades trans, não podemos deixar de notar que todos os atores sociais utilizados nos três artigos referentes ao tema dedicam-se unicamente às mulheres trans, isto é, há uma ausência na representação de homens trans. A invisibilidade de homens trans é um assunto que precisa ser mais amplamente discutido (ÁVILA, 2014), sobretudo em estudos de gênero e masculinidades. Pelo fato da obra em análise se propor a queerizar maneiras hegemônicas de masculinidades, um olhar sobre como decorre a representação de homens trans nas mídias, no âmbito cultural, certamente, acrescentaria olhares mais amplos e profundos sobre esta questão.

O décimo capítulo é um outro que nos chama atenção, quer por apresentar uma análise exímia e necessária, quer por denotar o quanto o debate interseccional, sobretudo no componente racial, tenha sido, na grande maioria das investigações, pouco produtivo, visto que, “Desfazendo a masculinidade negra: A gramática alternativa da representação visual de Isaac Julien” consiste no único artigo a focalizar nessa temática. Neste capítulo, Emilio Amideo analisa o premiado filme “*Looking for Langston*” (1989), do artista visual e diretor Anglo-Caribenho Isaac Julien. Amideo recorre a uma abordagem semiótica ancorada na teoria da multimodalidade desenvolvida por Kress e van Leeuwen, bem como nas teorias de tradição sobre a diáspora caribenha para investigar os propósitos de Isaac Julien na produção deste filme. A excelente análise de Emilio Amideo evidencia as estratégias de representação visual utilizadas por Julien ao se apropriar do corpo negro, que é normalmente estereotipado, subjugado e hipersexualizado no *mainstream* audiovisual, para oferecer um novo olhar, uma ressignificação das masculinidades negras *queer*. Podemos entender que *Looking for Langston* materializa um discurso reverso (FOUCAULT, 2014) – “*talking back*”, nas palavras da Butler – visto que não só rompe com a heteronormatividade e com olhar colonizador sobre masculinidades negras, como fornece uma alternativa descolonial de representação visual de atores sociais negros, materializando o entendimento de Frantz Fanon (2008, p. 34) de que “existe na posse da linguagem uma extraordinária potência”.

A lacuna na discussão dos aspectos raciais na produção de performances de gênero é uma fronteira que urge ser rompida. Não é o fato de haver poucas questões sobre negritude na coletânea em análise que licencie uma reflexão menos consistente sobre aspectos raciais. Uma abordagem *queer* implica em uma abordagem descolonial. Assim, grande parte dos artigos da obra poderiam ter estruturado uma reflexão mais profunda sobre a branquitude e o contexto eurocêntrico, por exemplo, visto que grande parte das análises emergem desses contextos. Tecer observações críticas

sobre a branquitude enquanto uma forma de racialização, um *locus* que precisa renegar sua posição de universalidade, é um caminho basilar para a desestabilização de estruturas de dominação.

Por fim, o último artigo da organização, “O Objeto da Subordinação é Imaterial: Construções Discursivas de Masculinidades”, consiste em um dos poucos a considerar, em certa medida, o debate sobre branquitude. Andrew Brindle analisa “as identidades masculinas construídas num fórum online supremacista branco” (p. 251). Brindle combina Linguística de *Corpus* e Abordagem Histórico-Discursiva (AHD) e demonstra que os supremacistas brancos marcam a subordinação do “outro” como inferior e desviante, reivindicando superioridade e poder para si, ao mesmo tempo em que, dentro do próprio “poderoso” *in-group*, há a representação daqueles que se posicionam como vítimas da globalização e imigração em massa. Assim, segundo o autor “existe uma contradição entre as múltiplas construções do *in-group*. Por um lado, existe o *in-group* poderoso e normal, mas também é evidente o grupo que é vitimizado por outros.” (p. 269). Este estudo pontua que a masculinidade hegemônica se sustenta através da subordinação e hierarquização (CONNELL, 2005). E recobra que o mais fundamental para essa constituição da masculinidade hegemônica não é sobre quem está subordinado, mas antes ao próprio ato de subordinação, envolver-se no debate sobre a quem se subordinar já constitui a performance da masculinidade hegemônica em si mesma.

Em suma, *Queering Masculinities in Language and Culture* desponta como uma ótima obra capaz de fornecer uma noção sobre como o debate a respeito de masculinidades e teoria queer tem sido elaborado nos estudos da linguagem. O livro oferece investigações analíticas de alto rigor e que confluem diversas abordagens teórico-metodológicas valiosas a todos os interessados em estudos discursivos, literários, estudos sobre homens e masculinidades, gênero e sexualidade. A obra é a segunda publicação da *Palgrave Studies in Language, Gender and Sexuality*, série que pretende abarcar escopo, autores e leitores internacionalmente. Por isso, precisamos pontuar a ausência verificada nesta coleção de investigações que abordem realidades fora do contexto europeu/norte americano afim de fazer emergir uma complexificação das discussões sobre gênero e sexualidade na linguagem, considerando outras categorias do saber envolvidas nas relações desiguais de poder, a exemplo de raça e classe social. Conforme nos orienta Foucault (2000, p. 351) “é preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos; (...) é preciso concebê-la como uma atitude, um *êthos*, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível.”. Considerando tudo até aqui mencionado, *Queering Masculinities in Language and Culture* demonstra-se como uma obra necessária.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, S. **Transmasculinidades**: a emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2nd. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRASER, Nancy. **Fortunes of feminism**: from state-managed capitalism to neoliberal crisis and beyond. London and New York: Verso, 2013.

FOUCAULT, M. O que são as luzes? In: MOTTA, M. B. (org.) **Ditos e escritos**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. II. p. 335-351.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014. v. I.

KRESS, G. **Multimodality**: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication. London and New York: Routledge, 2010.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. London and New York: Routledge, 2006 [1996].

MILANI, T. Queering Masculinities. In: EHRLICH, S. *et al.* (ed.). **The Handbook of Language, Gender, and Sexuality**. 2nd ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2014. p. 260-278.

PELÚCIO, L. Possible Appropriations and Necessary Provocations for a Teoria Cu. In: LEWIS *et al.* (Eds.), **Queering Paradigms IV**: South-North Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms. Frankfurt: Peter Lang, 2014. p. 53-66

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**: seguido de *Ágape* e *êxtase*: orientações pós-seculares. Tradução de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TANNEN, D. **You Just Don't Understand**: Women and Men in Conversation. New York: Ballantine Books, 1990.